

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALiB PARA A DESCRIÇÃO DE ÁREAS DIALETAIS: O ESTILINGUE VISTO DE NORTE A SUL

CONTRIBUTIONS OF THE ALiB PROJECT TO THE
DESCRIPTION OF DIALECT AREAS: THE SLINGSHOT SEEN
FROM NORTH TO SOUTH

Leandro Almeida dos Santos¹
Universidade do Estado da Bahia

Graziele Ferreira da Silva Santos²
Educação básica – Rede privada

Beatriz Aparecida Alencar³
Instituto Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo apresenta uma análise semântico-lexical das denominações registradas para o objeto descrito na pergunta 157 do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB. Objetiva-se demonstrar como se configuram as áreas dialetais brasileiras, a partir da comparação entre os resultados das pesquisas de Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); Santos (2018) e Alencar (2018), que cobriram em seus trabalhos de pós-graduação os dados referentes ao objeto em estudo (estilingue) de Norte a Sul do Brasil. Agregam-se a esses trabalhos os de Cardoso et al. (2014); D’Anunciação (2016); Romano; Seabra (2017) e de Isquerdo; Ribeiro (2018). Fundamenta-se o estudo em Nascentes (1953); Teles (2018) e nas recentes pesquisas lexicais do Projeto ALiB, já mencionadas. A metodologia utilizada obedeceu às seguintes etapas: a) seleção e leitura dos textos acerca do tema; b) escolha e formação do corpus; c) análise do corpus; d) cotejo entre as variantes documentadas; e) análise dos dados e f) considerações sobre os resultados. A análise do corpus evidenciou a diversidade lexical na nomeação do objeto estilingue no espaço estudado, além de trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira no âmbito do léxico.

Palavras-Chave: Estilingue; Projeto ALiB; Léxico.

¹ leoufbalettras@yahoo.com.br

² grazieleferreirass@gmail.com

³ bia83_12@hotmail.com

Abstract: *This article presents a semantic-lexical analysis of the registered denominations for the object described in question 157 of the Semantic-Lexical Questionnaire (NATIONAL ALiB PROJECT COMMITTEE, 2001, p. 34) of the Atlas Linguistic Project of Brazil - ALiB Project. The objective is to demonstrate how the Brazilian dialectal areas are configured, based on the comparison between the results of the researches of Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); Santos (2018) e Alencar (2018),, who covered in their post-graduation works the data referring to the object under study (slingshot) from North to South of Brazil. Added to these works are those of Cardoso et al. (2014); D'Anunciação (2016); Romano; Seabra (2017) and of Isquerdo; Ribeiro (2018). The study in Nascentes (1953); Teles (2018) and the recent lexical researches of the ALiB Project, already mentioned. The methodology used followed the following steps: a) selection and reading of texts on the subject; b) choice and formation of the corpus; c) analysis of the corpus; d) comparison between documented variants; e) analysis of data and f) considerations on results. The analysis of the corpus highlighted the lexical diversity in the naming of the slingshot object in the studied space, besides bringing news about the Brazilian dialect configuration within the lexicon.*

Keywords: Stylingual. ALiB Project. Lexicon.

CAMINHOS INTRODUTÓRIOS

Ao observar a história dos estudos dialetais, seja em perspectiva mundial, seja em âmbito nacional, a investigação sobre o léxico sempre despertou o interesse dos dialetólogos. Sabe-se que, com isso, inúmeras pesquisas de cunho lexical foram, de certo modo, registrando peculiaridades da língua em uso, consolidando, assim, o nível lexical como um importante instrumento para catalogação, registro e caracterização dos modos de fala. Além disso, os estudos lexicais foram também evidenciando aspectos sociais, históricos e culturais que moldaram e ainda moldam as idiosincrasias linguísticas de um determinado povo.

Este artigo coteja os resultados de pesquisas desenvolvidas a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante, Projeto ALiB), em especial, aquelas que estudaram as respostas fornecidas para a questão 157, do Questionário Semântico-Lexical – QSL –, a saber: “Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam pra matar passarinho?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), com o fito de trazer notícias sobre a realidade dialetal do Brasil, por meio da

análise das denominações documentadas pelo Projeto ALiB para o referente em causa.

As pesquisas consideradas para o trabalho foram as que a seguir estão elencadas em ordem cronológica e que ao longo do artigo serão detalhadas: Ribeiro (2012); Portilho (2013), Cardoso et. al. (2014); Santos (2016); D'Anunciação (2016); Romano; Seabra (2017); Santos (2018); Isquerdo; Ribeiro (2018) e Alencar (2018).

A fim de cumprir o objetivo principal do artigo, qual seja o de demonstrar a distribuição espacial dos itens lexicais apontados como o nome do objeto descrito na referida questão do QSL, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e percorreram-se algumas etapas: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema; b) escolha e formação do corpus; c) análise do corpus, observando as semelhanças e diferenças dos itens lexicais; d) comparação entre as variantes documentadas; e) realização de análises interpretativas e discussão, e, por fim, f) apresentação de algumas considerações.

Optou-se por dividir o artigo em duas seções principais, além das que introduzem e concluem as reflexões ora apresentadas: na primeira, são expostas as divisões dialetais propostas ao longo do desenvolvimento dos estudos sobre a realidade dialetal brasileira até a proposição de Nascentes (1953), ainda vigente na atualidade. Na segunda, apresentam-se as críticas e atualizações contemporâneas apresentadas por Teles (2018) sobre essa proposição; também, por meio dos estudos realizados com base no corpus do Projeto ALiB, com foco no léxico, são comparados os resultados de algumas pesquisas, elencadas anteriormente, na tentativa de retratar a distribuição espacial dos itens catalogados como resposta para a pergunta 157 – QSL, revelando, quando possível, um esboço sobre a atual situação dialetal brasileira seja nas capitais, seja nos interiores.

1 DIVISÕES DIALETAIS E AS TRILHAS DE ANTENOR NASCENTES (1953)

Ao se observar a cronologia dos estudos dialetais, no que tange à delimitação dos falares brasileiros, nota-se que as primeiras tentativas nesse sentido apontam para o final do século XIX. Desde então, embora não seja uma tarefa simples, esse objetivo vem sendo perseguido por estudiosos, a fim de caracterizar essas áreas, sob diferentes critérios.

Neste artigo, tomam-se como parâmetro as divisões dialetais apresentadas por Antenor Nascentes (1922/1953). Além delas e de forma sintética, outras tentativas de delimitação são evidenciadas, conforme Quadro 1, e que podem ser encontradas com detalhamento em Nascentes (1955), artigo republicado em Barbadinho Neto (2003), obra na qual o autor publica importante coletânea de artigos de autoria de Antenor Nascentes.

Quadro 1: Propostas de divisão dialetal do Brasil em subáreas

Autor	Ano	Critério	Divisão
Júlio Ribeiro	1881	Geográfico	Quatro áreas – Norte; Leste; Centro e Sul.
Maximino Maciel	1950	Geográfico	Três áreas – basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional.
João Ribeiro	s/d	Histórico	Cinco áreas – extremo norte; norte; centro; interior e sul.
Rodolfo Garcia	1915	Geográfico Histórico	Cinco áreas – norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central.
Antenor Nascentes	1922	Geográfico Linguístico	Quatro áreas: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista.
Antenor Nascentes	1953	Geográfico Linguístico	Duas grandes áreas (Norte e Sul) com seis subfalares.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Barbadinho Neto (2003).

Como exposto anteriormente, optou-se neste artigo pela descrição das divisões de Nascentes (1922) e (1953), cujos detalhes e desdobramentos são expostos a seguir.

Em 1922, na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, Antenor Nascentes propõe uma divisão dialetal do Brasil em quatro grandes áreas (cf. Quadro 1). A divisão de 1922 recebeu inúmeras críticas, muitas delas, advindas de geógrafos e historiadores.

Em 1933, Nascentes reestrutura a divisão apresentada em 1922. Em 1953, na obra *o Linguajar Carioca*, o autor retoma a sua divisão de 1933, sem alterações. Também a republica em 1955, na *Revista Brasileira de Geografia*, em que estabelece que o Brasil se divide em dois grandes polos dialetais – Norte e Sul –, além de um território incharacterístico, com base em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e a cadência.

Essa divisão, contemporaneamente, vem sendo reiteradamente estudada e analisada por diversos estudiosos, em especial, pelos pesquisadores do Projeto ALiB, haja vista que a proposição de 1953 não era definitiva, e uma divisão dialetal mais próxima do real seria feita a partir dos dados do atlas linguístico nacional, segundo postulados de Nascentes (1955).

2 ESBOÇOS DE ÁREAS DIALETAIS COM BASE EM DADOS DO PROJETO ALiB

Com base no mapa dialetológico publicado em 1953, Teles (2018), integrante do Projeto ALiB, tece algumas considerações sobre o desenho da divisão trazida pelo autor, reconhecendo a importância da proposta de Nascentes e ressaltando-a como a que tem sido bastante referenciada nos estudos que observam os dados linguísticos da língua falada na perspectiva geolinguística. Ademais, a referida autora aponta, considerando os conceitos de cartograma, carta e mapa, alguns problemas no mapa dialetal proposto pelo dialetólogo brasileiro:

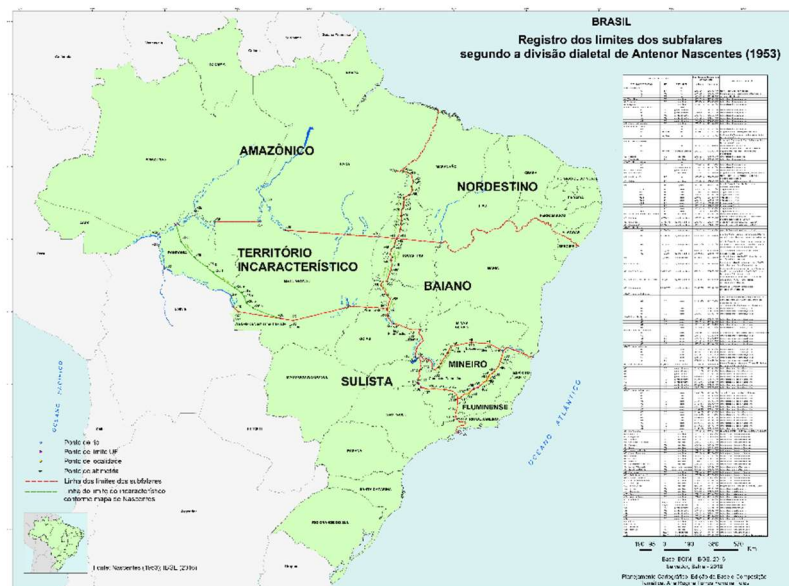
[...] Apesar da inserção de um *mapa* às páginas 18-19 (NASCENTES, 1953), Figura 1, este é de pouca valia [cartográfica] já que não há como nele

identificar, com segurança, os elementos contidos na descrição textual dos limites demarcadores de regiões ou de áreas dialetais, salvo os contornos dos limites políticos dos Estados da Federação à época da sua elaboração (TELES, 2018, p. 40-41).

Com base em análises, por meio de ferramentas atuais e modernas, tais como a Cartografia automatizada, Teles (2018) oferece à comunidade científica um conjunto de produtos cartográficos inéditos, elaborados sob a base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), com todos os vértices definidores dos delineamentos feitos por Nascentes (1953) em cada subfalar. A autora, além pautar-se em Nascentes (1953) para seu trabalho de atualização cartográfica, elabora estudo comparativo tomando por base outra importante obra do autor: *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958).

Dentre os produtos fornecidos por Teles (2018), destacam-se dois: um novo mapa (Fig. 1), com base em Nascentes (1953), e um quadro, tomando como referência Nascentes (1958), com topônimos atualizados, Unidades da Federação, natureza geográfica, limites com outros falares e, por fim, coordenadas geográficas. Sendo assim, os novos trabalhos que visem ao estudo das delimitações dialetais do Brasil ganham, de fato, importantes elementos para o auxílio nessa empreitada desafiadora e complexa.

Figura 1: Mapa da divisão dialetal, a partir do georreferenciamento da Cartografia Automatizada



Os pesquisadores do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil, na tentativa de atestar a atualidade do traçado de Nascentes (1953), vêm desenvolvendo diversos trabalhos nos níveis lexical, fonético e morfossintático. Elegeram-se, neste artigo, para uma discussão mais aprofundada, os estudos de cunho lexical que testaram a possibilidade de delimitação de áreas dialetais, como exposto anteriormente.

Pontua-se que as pesquisas de mestrado e doutorado realizadas por Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); Santos (2018) e Alencar (2018), já mencionadas, pautaram-se nas 13 perguntas da área temática dos jogos e diversões infantis do QSL, a saber: 155 - *cambalhota*; 156 - *bolinha de gude*; 157 - *estilingue/setra/bodoque*; 158 - *papagaio de papel/pipa*; 159 - *pipa/arraia*; 160 - *esconde-esconde*; 161 - *cabra-cega*; 162 - *pega-pega*; 163 - *ferrolho/salva/picula/pique*; 164 - *chicote-queimado*; 165 - *gangorra*; 166 - *balanço*; 167 - *amarelinha*. A monografia de conclusão de curso de graduação de D'Anunciação (2016), por sua vez, analisou os dados relativos a cinco questões da mesma área temática do QSL: 156, 157, 158, 159 e 167. Além disso, todos os trabalhos, à medida que analisam dados do banco

de dados do projeto ALiB, examinam material linguístico coletado segundo a metodologia estabelecida pelo projeto, no caso, as respostas fornecidas por falantes com o seguinte perfil: quatro informantes em interior e oito em capitais de estado, estratificados em sexo (homem e mulher), faixa etária (faixa I de 18 a 30 anos e faixa II de 50 a 65 anos) e escolaridade (ensino fundamental incompleto em todas as localidades e ensino universitário completo apenas nas capitais).

Embora, tratando-se de áreas dialetais, haja prevalência de trabalhos que priorizam as análises fonéticas, os estudos selecionados comprovaram ser factível a tarefa de demarcar falares, utilizando-se de isoléxicas. Ressalta-se, ainda, que o léxico relativo aos brinquedos e às brincadeiras tem sido instrumento importante para diversos estudos dessa natureza, haja vista que as nomeações para os itens dos jogos e diversões infantis podem atuar como elementos reveladores de traços de natureza histórica, social, cultural e, por conseguinte, linguística das áreas em análise.

Apresentam-se, inicialmente, os dados das capitais do Brasil, a partir da análise das cartas do atlas nacional e, em seguida, procede-se à análise dos estudos dos subfalares e/ou dos Estados pertencentes a esses subfalares, acrescentando, assim, dados do interior do país.

2.1 As áreas dialetais a partir dos dados das capitais do Brasil

O volume dois do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014) permite, mesmo que de maneira não definitiva, vislumbrar aspectos linguísticos reveladores sobre as capitais brasileiras, principalmente quando observados sob o prisma da divisão proposta por Nascentes (1953), que separa o país em dois grandes polos linguísticos, Norte e Sul.

Do conjunto de cartas disponíveis para as análises ora desenvolvidas neste artigo, destacam-se seis cartas (ISQUERDO *apud* CARDOSO et al., 2014, p. 283-

290): uma nacional (L19) e cinco regionais (L19a; L19b; L19c; L19d e L19e), sobre os itens lexicais registrados como resposta à pergunta 157 do QSL. Ao observar os itens documentados, na perspectiva do conjunto das cartas regionais, verifica-se uma diversidade de formas, conforme o Quadro 2:

Quadro 2: Registro de ‘estilingue’ e de outras variantes do mesmo referente documentadas nas capitais dos estados brasileiros

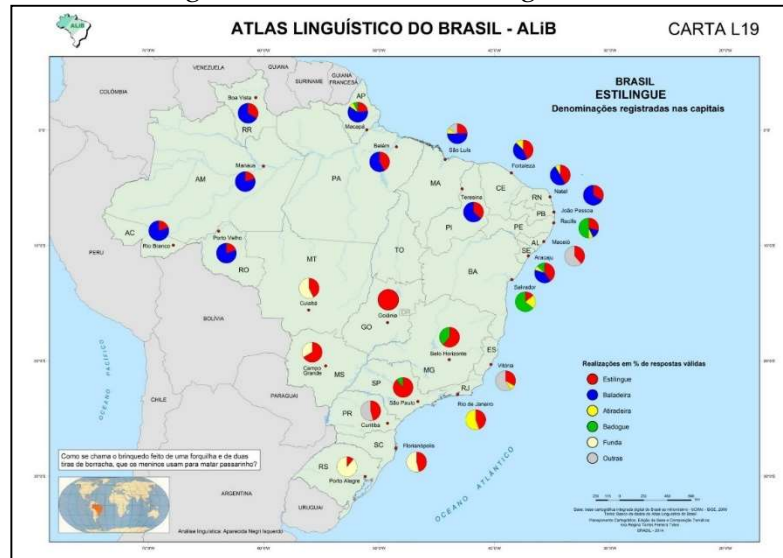
Região	Itens lexicais	Carta
Norte	<i>baladeira, estilingue, atiradeira, badogue.</i>	L19a
Nordeste	<i>estilingue, baladeira, atiradeira, badogue, estilete, peteca.</i>	L19b
Sudeste	<i>estilingue, atiradeira, badogue, seta.</i>	L19c
Sul	<i>estilingue, funda, setra.</i>	L19d
Centro-oeste	<i>estilingue, funda.</i>	L19e

Fonte: ALiB (2014b). Elaborado pelos autores (2020).

A unidade lexical *estilingue* encontra-se distribuída nos dois falares, Norte e Sul, nas 25 capitais. No que tange aos falares do Norte, *baladeira* foi documentada majoritariamente em todas as capitais da *falar amazônico*, e em quase todas as capitais do *falar nordestino*, à exceção de Maceió. Logo, é um item lexical peculiar dos falares do Norte.

No que tange aos falares do Sul, nota-se que é um espaço dialetal que apresenta, nas capitais, três variantes: *estilingue*, *funda* e *setra*. A carta nacional (Fig. 2) registra as denominações mais produtivas em cada capital, obedecendo aos critérios estabelecidos para a cartografia do atlas nacional.

Figura 2: Carta L19 – Estilingue



Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 283).

Considerando os aspectos referentes à diatopia, há constatações que necessitam das análises dos dados do interior, a fim de confirmar a fotografia que já se pode ter com os dados das capitais.

2.2 As áreas dialetais a partir dos dados do interior do Brasil: falares amazônico e nordestino

Concernente aos falares do Norte, *amazônico* e *nordestino*, destacam-se as pesquisas realizadas no âmbito de programas de pós-graduação por Portilho (2013) e por Santos (2018). A dissertação de mestrado de Portilho (2013)⁴, intitulada *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*, analisou dados fornecidos por 128 informantes de 26 cidades brasileiras, pertencentes à área geográfica em análise (Região Norte) e mais seis regiões limítrofes, nos estados de Mato Grosso, de Rondônia, do Maranhão e do Tocantins (área de controle). A autora adotou a metodologia da

⁴ A pesquisa foi desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

área de controle defendida por Ribeiro (2012) como pressuposto para delimitação mais precisa da região examinada.

O *corpus* da pesquisa, formado por 196 itens lexicais, obtidos como respostas para as 13 perguntas referentes à área temática dos jogos e diversões infantis, permitiu, em relação à vitalidade da proposta de Nascentes (1953), para o *falar amazônico*, a seguinte conclusão da autora:

[...] apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil (PORTILHO, 2013, p. 138).

Os dados coletados por Portilho (2013), para a pergunta *como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), revelaram que a variante *baladeira*, com 70% das ocorrências, foi a mais produtiva no conjunto dos municípios em análise, seguida de *estilingue* (21,5%), *balador* (5,5%) e *outras* – *botoque*, *estilete(a)* e *atiradeira* – que, juntas, perfazem 3% de ocorrências. Houve um caso de resposta não obtida e um de pergunta não formulada pelo inquiridor.

A análise diatópica dos dados cartografados por Portilho (2013) pode ser observada no quadro 3, a seguir, que indicam os itens lexicais registrados nos diferentes estados do *falar amazônico*.

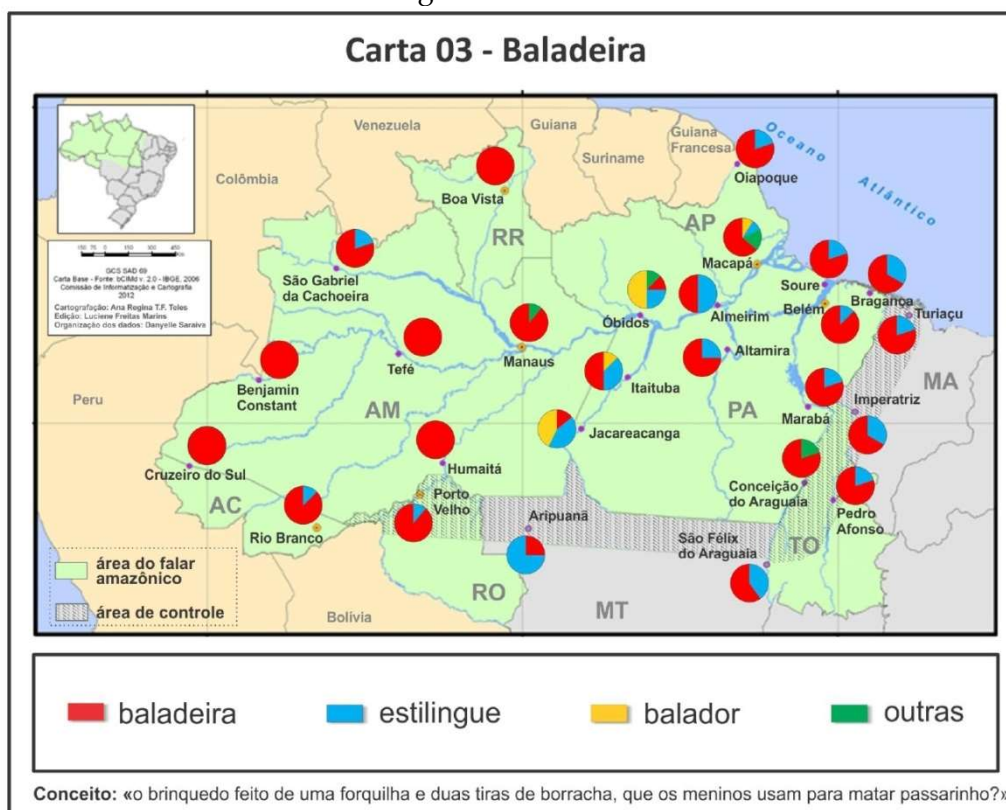
Quadro 3: Registro de 'estilingue' e de outras variantes do mesmo referente documentadas em áreas geográficas do falar amazônico

Itens lexicais Estados	Áreas do falar amazônico								
	AC	AM	PA	RR	AP	RO	TO	MT	MA
<i>baladeira</i>	x	x	x	x	X	x	x	x	x
<i>estilingue</i>	x	x	x	x	X	x	x	x	x
<i>balador</i>	-	-	x	-	X	-	-	-	-
<i>Outras</i>	-	x	x	-	X	-	-	-	-

Fonte: Portilho, (2013). Elaborado pelos autores (2020).

As variantes *baladeira* e *estilingue*, conforme delineado por meio do Quadro 3, estão dispostas em toda extensão do *falar amazônico* e áreas limítrofes. A forma *balador*, por seu turno, aparece em dois dos sete estados da região Norte, como se nota na Fig 3:

Figura 3: Baladeira



Fonte: Portilho (2013, p. 87)

Santos, em 2018, por sua vez, realizou o estudo *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*⁵. A pesquisa abarcou 53 localidades pertencentes ao *falar nordestino*, totalizando 240 informantes. Foram analisadas as 13 questões da seção jogos e diversões infantis do QSL do ALiB. Santos (2018) apresenta os resultados alcançados por meio de gráficos de frequência de ocorrência e de distribuição diatópica, quadros e cartografia temática dos itens lexicais computados.

Ao testar a vitalidade dos limites dialetais propostos por Nascentes (1953), a autora concluiu que, na realidade presente,

[...] a proposta de Nascentes (1953) não possui vitalidade, pois o *Falar Nordestino* não apresenta homogeneidade no que diz respeito ao léxico dos jogos e diversões infantis. Em verdade, nota-se particularidades entre os estados, destacando-se os seguintes aspectos: o Maranhão e, por vezes, o Piauí recebem influência do *Falar Amazônico*; o Rio Grande do Norte, a Paraíba e Pernambuco funcionam como estados nucleares que ora dialogam com o Ceará, ora dialogam com Alagoas. Já Ceará e Alagoas parecem representar pontos de transição entre os estados (SANTOS, 2018, p. 07).

No cômputo geral das respostas para a pergunta 157 do QSL, foram registradas 27 formas, agrupadas em 10 itens lexicais. A lexia *baladeira*, com 42,4% das ocorrências, foi a denominação mais mencionada pelos informantes. *Estilingue* ocupa o segundo lugar, com 30,4%, seguido de *peteca* (10,4%), *baleadeira* (5,9%), *badoquel/badoque* (5,1%), *atiradeira* (1,6%), *baleeira* (1,6%), *balinheira* (1,3%), *estilete* (1,1%) e *outras denominações – balador* (resposta com apenas uma ocorrência) (0,3%).

Em relação à análise diatópica, o Quadro 4, construído a partir da cartografia realizada por Santos (2018), mostra a disposição de todas as variantes catalogadas nos estados do *falar nordestino*.

⁵ A pesquisa foi desenvolvida sob orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro, na Universidade Federal da Bahia.

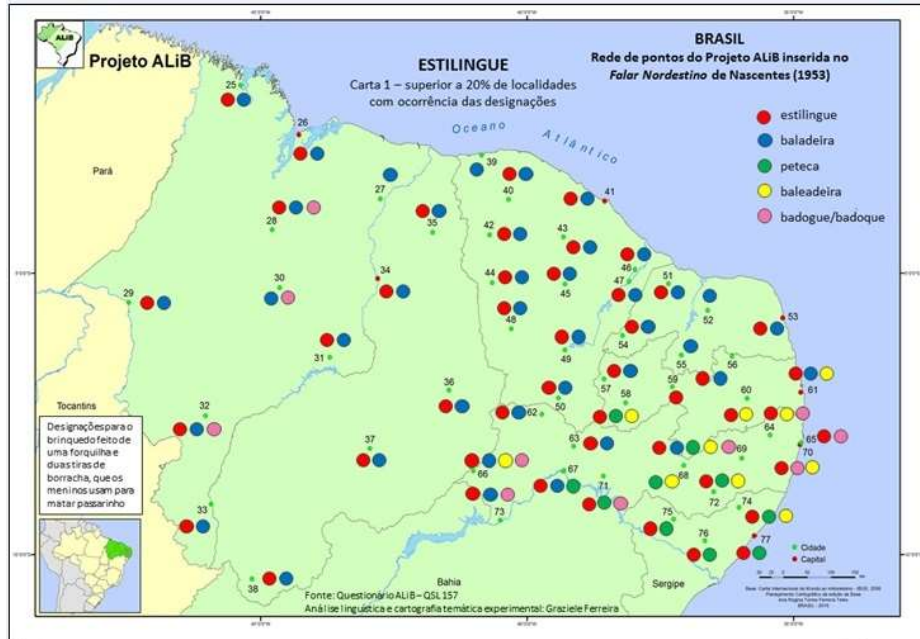
Quadro 4: Registro de 'estilingue' e de outras variantes documentadas do mesmo referente em áreas do falar nordestino.

Itens lexicais Estados	Áreas do falar nordestino						
	MÁ	PI	CE	RN	PB	PE	AL
<i>Atiradeira</i>	X	-	X	x	-	x	-
<i>badoque/ badoque</i>	X	-	-	-	-	x	-
<i>Baladeira</i>	X	x	X	x	x	x	-
<i>Baleadeira</i>	-	-	-	-	-	x	x
<i>Baleeira</i>	-	-	-	x	x	-	-
<i>Balinheira</i>	-	-	-	-	x	-	-
<i>Estilete</i>	X		X	-	-	-	-
<i>Estilingue</i>	X	x	X	x	x	x	x
<i>Peteca</i>	-	-	-	-	x	x	X
<i>outras denominações</i>	-	-	X	-	-	-	-

Fonte: Santos (2018). Elaborado pelos autores (2020).

A análise dos dados por presença de denominações em localidades pesquisadas apresenta o item lexical *estilingue* com maior representatividade, aparecendo em todos os estados e em 47 dos 53 municípios analisados (88,7%). *Baladeira*, também com boa penetração na área geográfica estudada, está presente em 40 localidades (75,5%). Observa-se que em Alagoas *baladeira* não foi registrada. Os outros itens lexicais estão disseminados de maneira heterogênea pelo *falar nordestino*, conforme Fig 4.

Figura 4: Estilingue



Fonte: Santos (2018, p. 127)

Com base na comparação dos estudos de Portilho (2013) e de Santos (2018), que contemplam os municípios localizados nos falares do Norte, tem-se uma certa unidade linguística, uma vez que cinco das seis variantes registradas no *falar amazônico* estão, também, identificadas no *falar nordestino*. O item lexical *batoque* – agrupado em *outros* – é o único que aparece no *falar amazônico* e não é mencionado no *falar nordestino*. Destaca-se, ainda, a presença de *estilingue* e *baladeira* como as unidades lexicais predominantes nos dois subfalares.

Cabe ressaltar que, segundo Santos (2018), “o *falar nordestino* sofre influência da Região Norte, fato que se explica pela grande presença de *baladeira*, forma predominante do *falar amazônico*, nos estados do Nordeste” (SANTOS, 2018, p.75).

Ainda de acordo com a autora, a influência é mais nítida quando, ao observar a cartografia, *baladeira* está presente em todas as localidades dos estados mais próximos do *falar amazônico*: Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. A variante vai perdendo força e aparece em metade das localidades da Paraíba e de Pernambuco e deixa de aparecer em Alagoas.

Além disso, os dois subfalares documentam, igualmente, a forma *balador*, que é resposta única no *falar nordestino* e *estilete*, que está registrada como *outras* no *falar amazônico*. Há, também, itens que aparecem no *falar nordestino* e não estão presentes no *falar amazônico*, a saber: *atiradeira*, *badogue/badoque*, *baleadeira*, *baleeira*, *balinheira* e *peteca*.

2.3 As áreas dialetais a partir dos dados do interior do Brasil: falares baiano, fluminense, paulista e sulista

Considerando a área dos falares do Sul, os trabalhos analisados-registram diferentes denominações para o *brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34). Na continuação, as pesquisas sobre essas variantes são discutidas considerando a cronologia e suas respectivas datas de conclusões.

A tese *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*⁶ (RIBEIRO, 2012) teve como objetivo demonstrar a variação diatópica identificada a partir dos dados coletados com base na área temática dos Jogos e Diversões Infantis, contando com um "extrato do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil composto de 244 inquéritos linguísticos" coletados em 57 localidades.

Esses pontos de inquéritos se dividem em 11 estados e quatro regiões brasileiras sendo: 35 do Nordeste, duas do Norte, oito do Centro-Oeste e 12 do Sudeste. Os resultados obtidos são dispostos em gráficos, tabelas e cartas linguísticas. Informa-se que as cartas produzidas compõem o volume II da tese que reúne 40 cartas (sete introdutórias, 23 semântico-lexicais, uma fonética e nove cartas-resumo). O trabalho "atesta a vitalidade do *Falar Baiano* e sugere a existência de quatro subáreas dialetais" (RIBEIRO, 2012, p. 10).

⁶ Produzida como tese de doutorado por Silvana Soares Costa Ribeiro, na Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso.

A tese de Ribeiro (2012) registra as lexias *atiradeira*, *badogue*, *baladeira*, *beca*, *estilingue*, *peteca* e *seta*. Houve registro de respostas em todas as localidades investigadas e a unidade lexical *estilingue* foi indicada pelos informantes de 56 pontos de inquéritos (98,2% das localidades investigadas). Ao serem observados os dados do ponto de vista da produtividade, *estilingue* totalizou um quantitativo de 180 ocorrências, o que corresponde a 48% das respostas válidas. Como segunda resposta, foi indicado *badogue* (23,2%), seguido por *baladeira* (14,9%), *peteca* (7,5%), *atiradeira* (2,4%), *seta* (2,1%) e *beca* (1,1%)⁷. Ainda foram registradas as respostas únicas: *gancho*, *pilota* e *valuapê*.

Ao analisar a cartografia dos dados realizada por Ribeiro (2012), para além do registro de *estilingue* que se encontra em todas as localidades, com exceção do ponto 78 (Propriá), é possível produzir o Quadro 5 que resume as ocorrências ou não das diferentes variantes no território analisado.

Quadro 5: Registro de 'estilingue' e de outras variantes do mesmo referente documentadas em áreas do falar baiano

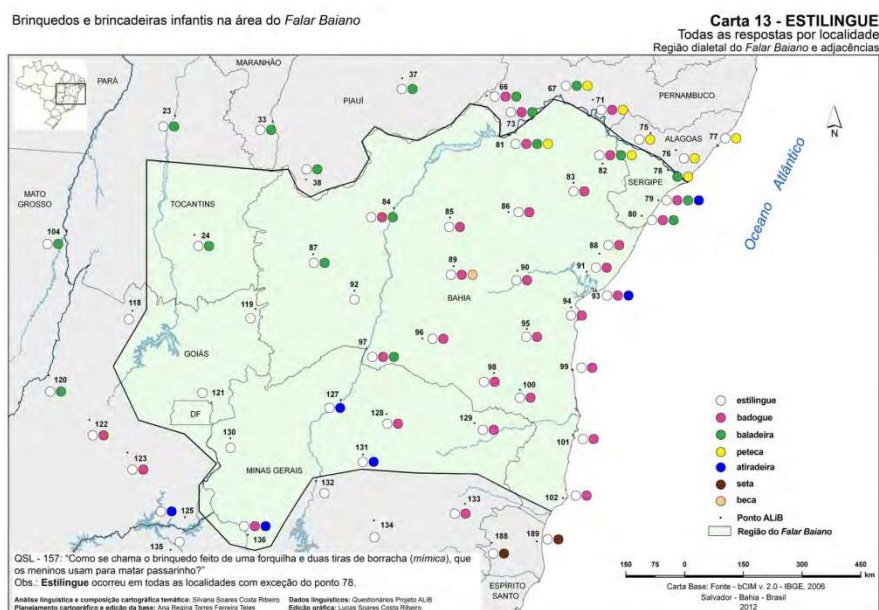
Itens lexicais Estados	Áreas do falar baiano										
	MA	PI	PE	AL	SE	BA	TO	MG	ES	MT	GO
<i>estilingue</i>	x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x
<i>badogue</i>	-	-	X	x	x	x	-	x	-	-	x
<i>baladeira</i>	x	x	X	-	x	x	x	-	-	x	x
<i>peteca</i>	-	-	X	x	x	x	-	-	-	-	-
<i>atiradeira</i>	-	-	-	-	x	x	-	x	-	-	x
<i>seta</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	
<i>beca</i>	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-

Fonte: Ribeiro, (2012). Elaborado pelos autores (2020).

⁷ A lexia *beca* não é ocorrência única, porém, foi registrada apenas na localidade de Seabra-BA (ponto 89).

Além do registro da predominância de *estilingue*, conforme Fig 5, destaca-se a denominação *badogue*, bastante produtiva em boa parte da região investigada e que se destacou na tese pelos agrupamentos de variantes marcando diferentes partes da área pesquisada.

Figura 4: Estilingue



Fonte: Ribeiro (2012, p. 500).

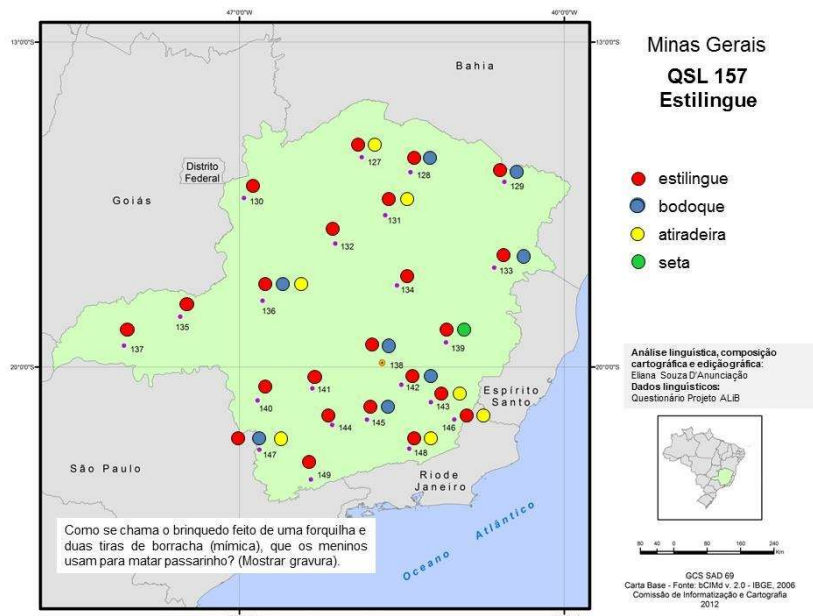
Em 2016, Eliana Souza D'Anuniação fez seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de graduação na UFBA sobre os jogos e diversões infantis, cujo título é *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais* (D'ANUNIAÇÃO, 2016)⁸. A autora propôs-se a analisar os dados oriundos das coletas do Projeto ALiB, no que se referem a seis perguntas da área temática dos jogos e diversões infantis, nos 23 pontos de inquéritos do estado de Minas Gerais. Como resultado, o trabalho apresentou uma série de gráficos e de cartogramas que "demonstram a variação diatópica observada no Estado de Minas Gerais,

⁸ Estudo orientado por Silvana Soares Costa Ribeiro, da Universidade Federal da Bahia.

revelando a importância que os estudos em Dialetoлогия exercem diante do fenômeno de variação linguística"(D'ANUNCIACÃO, 2016, p. 07).

Quanto às denominações obtidas, verificou-se o registro de *atiradeira*, *bodoque*, *estilingue*, *seta* e de outras unidades léxicas com apenas uma ocorrência: *pilota*, *barrote*, *ganchim* e *estilete*. Considerando a carta 04 apresentada na monografia, Fig 5, que indica as localidades em que as denominações mais produtivas foram registradas, nota-se que *estilingue* está disseminado por todo o estado de Minas Gerais, figurando em alguns pontos como ocorrência única.

Figura 5: Estilingue



Fonte: D'Anunciação (2016, p. 55)

Quanto às formas *bodoque* e *atiradeira*, nota-se que possuem realizações em regiões específicas de Minas Gerais, sendo que *bodoque* teve mais ocorrências no centro do Estado e nos limites com a Bahia. Por sua vez, *atiradeira* ocorreu nas proximidades com Espírito Santo e Rio de Janeiro, além dos pontos 136 (Patos de Minas) e 147 (Poços de Caldas), em que foram indicadas como respostas as três denominações mais produtivas (*atiradeira*, *bodoque*, *estilingue*). Já o item lexical *seta* ocorreu apenas no ponto 139 (Ipatinga).

Ainda em 2016, a dissertação *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense* (SANTOS, 2016)⁹ que, “com base nos dados lexicais do campo semântico dos jogos e diversões infantis, pertencente ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, discute-se a vitalidade do *Falar Fluminense*” (SANTOS, 2016, p. 06). A rede de pontos da dissertação foi composta por 35 localidades, abrangendo os estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e São Paulo. A partir das análises realizadas, o autor chegou à conclusão que “Nascentes (1953) agiu de forma precisa ao dividir o Brasil em dois grupos (Norte e Sul), no entanto tal precisão não se comprova de forma eficaz quando analisados os limites do *Falar Fluminense*, pois não há distinção clara entre os pontos de controle e a área em análise” (SANTOS, 2016, p. 06).

Quanto às denominações obtidas no estudo para QSL 157, as unidades léxicas *estilingue*¹⁰, *seta*, *atiradeira* e *bodoque* foram as mais produtivas, e *garrote* figurou como ocorrência única. Na sequência, o Quadro 6 indica as denominações registradas nos diferentes Estados por Santos (2016).

Quadro 6: Registro de ‘estilingue’ e de outras variantes do mesmo referentes documentadas em áreas do falar fluminense

Itens lexicais Estados	Áreas do falar fluminense				
	ES	RJ	MG	SP	BA
<i>estilingue</i>	x	x	x	x	x
<i>seta</i>	x	x	x	x	-
<i>atiradeira</i>	x	x	x	-	-
<i>bodoque</i>	-	x	x	x	x

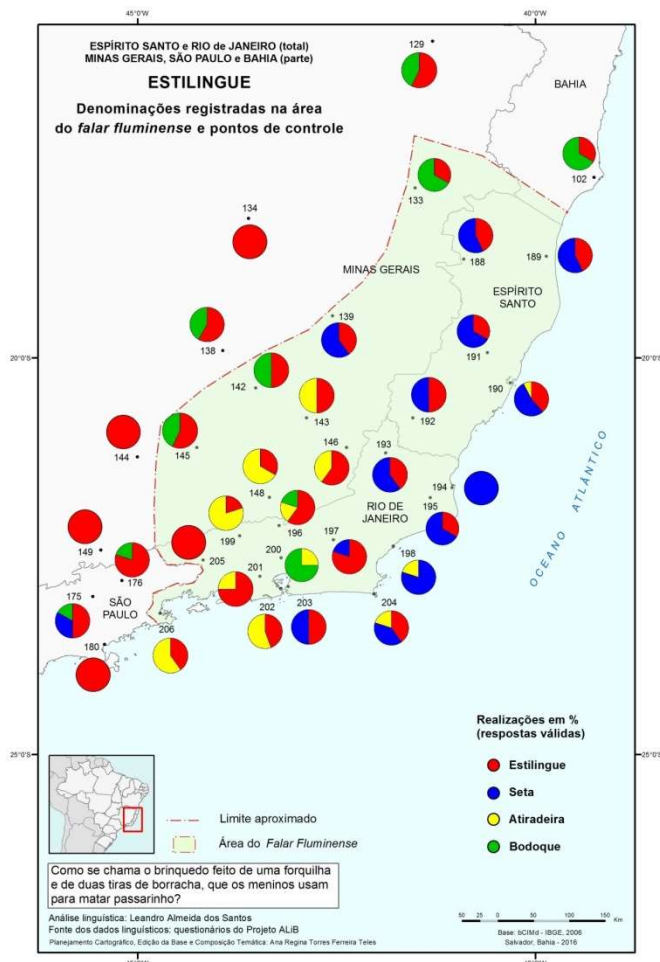
Fonte: Santos (2016). Elaborado pelos autores (2020)

⁹ Produzida por Leandro Almeida dos Santos, na Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro e coorientado pela Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim.

¹⁰ NR: A denominação *estilingue* não foi registrada apenas no ponto 200 (Petrópolis).

Conforme informa o Quadro 6, a única denominação que ocorre em todos os estados analisados por Santos (2016) é *estilingue*, conforme Fig 6. As denominações *seta* e *atiradeira* figuram, respectivamente, nas unidades federativas de São Paulo e Espírito Santo, como ocorrências únicas.

Figura 6: Estilingue



Fonte: Santos (2016, p. 118)

No ano de 2018, os estudos das denominações para brinquedos foram acrescidos de mais um trabalho realizado a partir dos dados do Projeto ALiB: a tese *O Léxico de Brinquedos e Brincadeiras infantis no estado de São Paulo* (ALENCAR, 2018)¹¹. A área investigada foi composta por 37 localidades do estado de São

¹¹ Produzido por Beatriz Aparecida Alencar, sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Paulo, quatro de Minas Gerais, uma de Mato Grosso do Sul, três no Paraná e duas no Rio de Janeiro. A tese buscou investigar, no estado de São Paulo, a vitalidade ou não da divisão proposta por Nascentes (1953), no que se refere ao subfalar sulista considerando o léxico dos brinquedos e brincadeiras. Como resultado, “verificou-se que o léxico dos jogos e diversões infantis aponta para a confirmação de um falar paulista desvinculado do falar sulista” (ALENCAR, 2018, p. 494).

No que tange à representação cartográfica dos dados apresentados em ALENCAR (2018), nas cartas 9a e 9b, que documentam as denominações para o objeto estilingue, verificou-se o registro de *estilingue*, *setra*, *bodoque* e *atiradeira* como denominações mais produtivas e a indicação de *funda* e de *caça-passarinho* como ocorrências únicas. O Quadro 7 reúne as denominações mais produtivas documentadas nos estados contemplados pelo estudo:

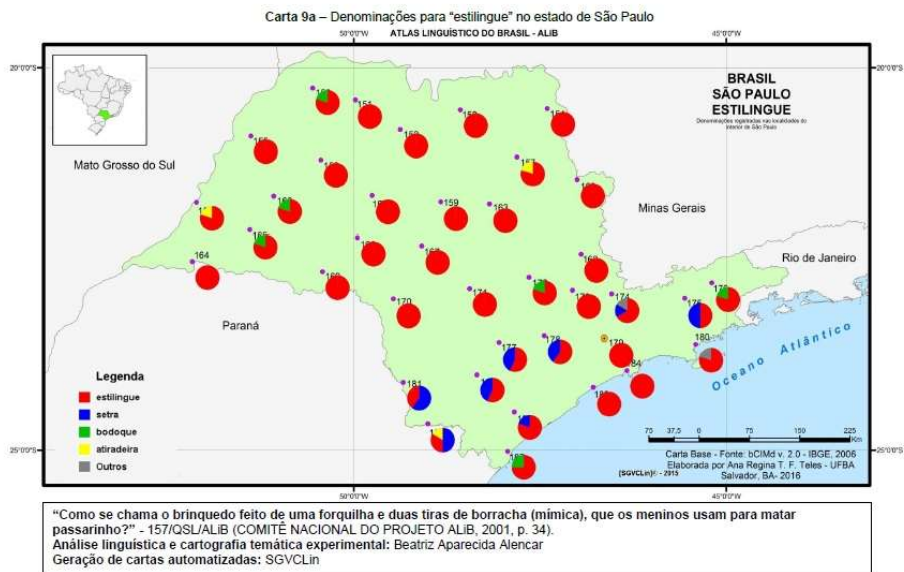
Quadro 7: Registro de ‘estilingue’ e outras variantes em algumas áreas dos falares paulista e sulista

Itens lexicais Estados	Áreas dos falares paulista e sulista				
	SP	RJ	MG	PR	MS
<i>estilingue</i>	x	x	X	x	x
<i>setra</i>	x	-	-	x	-
<i>bodoque</i>	x	-	X	x	-
<i>atiradeira</i>	x	x	X	-	-

Fonte: Alencar (2018). Elaborado pelos autores (2020).

Conforme detalha o Quadro 7, a forma *estilingue* predomina em toda a área de estudo, conforme Fig 7, enquanto outros itens lexicais se comportam como próprios de alguns Estados, como: “[...] *setra* no Paraná e *atiradeira* em Minas Gerais e Rio de Janeiro, embora também tenham sido registrados no interior de São Paulo” (ALENCAR, 2018, p. 392-393).

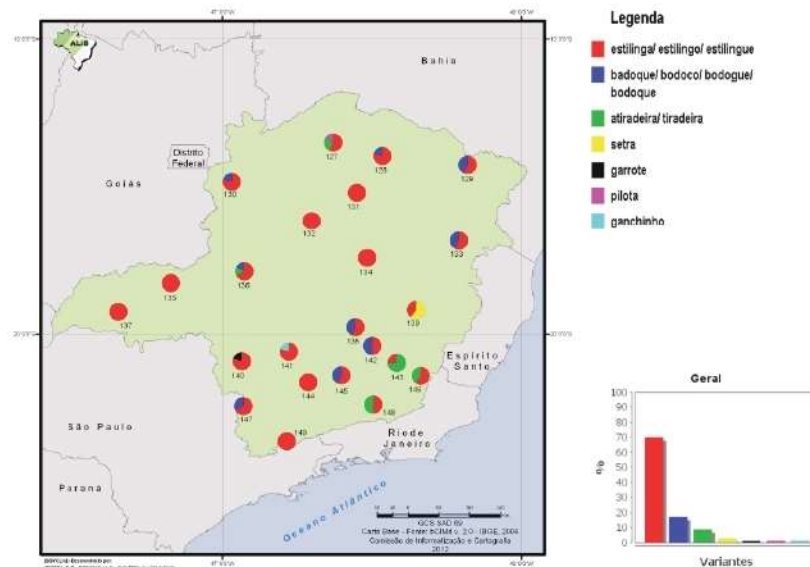
Figura 7 – Estilingue



Fonte: Alencar (2018, p. 387).

Outros estudos também foram realizados com dados obtidos para o *estilingue* nas coletas do Projeto ALiB considerando os falares do Sul. Entre eles, destaca-se o texto *Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis* (ROMANO; SEABRA, 2017). Nesse artigo, os autores analisam duas cartas linguísticas (bolinha de gude e estilingue) do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* e dados do Projeto ALiB considerando dois recortes sincrônicos, respectivamente, 1970 e início do século XXI. O artigo tem como objetivo "[...] discutir aspectos da variação e mudança linguística em tempo real e tempo aparente e a proposição de áreas lexicais no território mineiro a partir das divisões dialetais propostas por outros estudiosos" (ROMANO; SEABRA, 2017, p. 111). Desse estudo discutem-se as isoléxicas propostas e as considerações realizadas sobre as variantes que recobrem o conceito de *estilingue*, conforme Fig 8.

Figura 8: Estilingue



Fonte: Romano; Seabra (2017, p. 135)

Considerando as análises realizadas no artigo e cotejando com os analisados por Santos (2016), atenta-se para as ocorrências de *atiradeira* localizadas na região da Zona da Mata que parecem se confirmar nos pontos de inquérito mineiros (interior) adentrando a região limítrofe com o Rio de Janeiro e atingindo o litoral deste Estado. Quanto à ocorrência de *setra* apenas em Ipatinga (139) é salientado por Romano (2017) com base em dados já analisados que fornece "[...] indícios de uma variante que possivelmente caracterizaria o falar fluminense" (ROMANO; SEABRA, 2017, p. 143). Essa tendência se confirma em Santos (2016), ao atestar o registro de *setra* em todos os pontos capixabas investigados.

Tendo em vista os trabalhos produzidos com dados do Projeto ALiB nos falares do sul, conclui-se que *estilingue* está difundido em todas os estados e na maioria dos pontos de inquérito do Projeto ALiB. Quanto à denominação *atiradeira*, pode-se afirmar que está localizada em diferentes regiões de Minas Gerais, com especial destaque para a formação de uma possível isoléxica junto à divisa MG-RJ (Minas Gerais/Rio de Janeiro), por vezes, atingindo o litoral carioca. O item lexical *atiradeira* também foi documentado em Ribeiro (2012), nas capitais

litorâneas de Aracaju/SE (79) e de Salvador/BA (93), e, em Alencar (2018), *atiradeira* só foi registrada em duas localidades paulistas (Presidente Epitácio e Ribeirão Preto, sendo que uma delas, Ribeirão Preto, encontra-se próxima às fronteiras SP-MG (São Paulo/Minas Gerais).

Considerando as localidades com registro de *setra*, verificou-se que, em Minas Gerais apenas Ipatinga (139), localidade próxima ao estado de Espírito Santo, documenta a variante. Por sua vez, *setra* está presente em todas as localidades do estado capixaba (SANTOS, 2016)¹². Ainda, em Santos (2016), *setra* é registrada no Rio de Janeiro e área de controle no ponto 175 (Taubaté).

Considerando os registros em territórios paulistas, Alencar (2018) indica que *setra* ocorreu em uma região específica, no Vale do Paraíba Paulista e nos pontos paranaenses limítrofes e próximos ao litoral. A respeito desse quadro de ocorrências de *setra* em território paulista, a autora conclui que "[...] a variante *setra* ocorre em localidades que marcam os caminhos percorridos pelos tropeiros no século XVIII e XIX" (ALENCAR, 2018, p. 506). Nota-se que esse possível tracejado pode ser amplificado como uma continuação no percurso desses homens ou indicar desdobramentos ocorridos na população quando da chegada das tropas.

Quanto a *bodoque*, verificou-se que o item lexical está presente em diferentes regiões de Minas Gerais (D'ANUNCIÇÃO, 2016) em um ponto de inquérito do estado do Rio de Janeiro e seguindo até a Bahia, sem marcar presença no território capixaba (SANTOS, 2016). Ao adentrar a região do *falar baiano*, em Ribeiro (2012), *badogue* é a segunda denominação mais produtiva com distribuição em diferentes estados (BA, SE, PE e GO). Em Alencar (2018), os registros de *badogue* são pontuais e ocorrem em uma região específica mais ao leste do estado, nos pontos de inquéritos 165 (Presidente Prudente), 162

¹² Esses pontos de inquérito Barra de São Francisco (188) e São Mateus (189) já haviam sido cartografadas em Ribeiro (2012) como área de controle.

(Adamantina) e Jales (150). A região de Presidente Prudente, localizada no Oeste Paulista, recebeu a partir de 1923 migrantes oriundos da região Nordeste. Em Santos-Ikeuchi (2014), na construção do Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo, também há registro de *bodoque*, com duas ocorrências em Presidente Epitácio, que faz parte da mesma região linguística de Presidente Prudente.

Na esteira dos trabalhos que comparam os dados do Projeto ALiB, registra-se o artigo científico *Polimorfismo léxico do português do Brasil: um olhar para o norte e para o sul, nas trilhas de brinquedos infantis* (ISQUERDO; RIBEIRO, 2018). Nesse texto, as autoras registram e discutem as diferenças dialetais do Norte e do Sul do Brasil em contraste, produzem gráficos com estatísticas sobre os dados considerados e cartas linguísticas. O artigo apresenta as características de cada região e, ao final, traz uma síntese dos dados buscando apontar semelhanças e diferenças entre essas duas áreas extremas do Brasil.

Destaca-se desse trabalho a descrição da Região Sul para, dessa forma, completar a visão geral do País que aqui se vem esboçando. A rede de pontos do ALiB da região Sul – excluindo as capitais – é composta por 44 localidades, distribuída entre os três Estados: Paraná (16), Santa Catarina (9) e Rio Grande do Sul (16). Nessa região, foram entrevistados 188 informantes. De acordo com as autoras, os resultados obtidos em resposta à pergunta QSL 157 permitem afirmar que nessa área, *estilingue* foi a resposta com maior frequência (33,6%), seguida de *bodoque* (28,6%), *setra* (18,9%), *funda* (16,4%), *atirador* (1,7%), *estilete* (0,8%). O Quadro 8 aponta as características da região Sul.

Quadro 8: Registro de ‘estilingue’ e de variantes do mesmo referente documentadas nos estados da região Sul

Item lexical Estados	SUL		
	PR	SC	RS
<i>estilingue</i>	X	x	X
<i>bodoque</i>	X	x	X
<i>setra</i>	X	x	-
<i>funda</i>	X	x	X
<i>atirador</i>	-	-	X
<i>estilete</i>	-	-	X

Fonte: Isquierdo; Ribeiro (2018). Elaborado pelos autores (2020)

É possível perceber, como expressam as autoras em comentários à carta linguística 2 (ISQUERDO; RIBEIRO, 2018, p. 248), que as lexias *estilingue* e *bodoque* são as mais recorrentes no Sul do Brasil. Há importante “vitalidade da unidade lexical *bodoque* no Rio Grande do Sul e de *estilingue* e *setra* no Paraná, enquanto *funda* mantém equilíbrio entre o estado do Rio Grande do Sul e o de Santa Catarina” (ISQUERDO; RIBEIRO, 2018, p. 241).

PASSOS FINAIS

Este artigo teve como propósito reunir pesquisas do Projeto ALiB que buscaram apurar as respostas para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), bem como verificar a distribuição diatópica dos itens registrados, mais precisamente no que se refere ao traçado dialetal de Nascentes (1953) para os dois grandes grupos de falares: Norte e Sul. Diante dos resultados dessa tarefa, pode-se reforçar a tese de que o nível lexical também permite descrever e caracterizar áreas linguísticas.

A partir das análises engendradas, nota-se que a forma *estilingue*, disseminada pelos meios midiáticos e pela escola, está presente em todos os Estados cujos dados foram examinados nos estudos. Nos falares do Norte, embora *estilingue* apareça de maneira significativa, o item lexical *baladeira* ganha destaque, configurando-se como a denominação mais mencionada pelos informantes dos subfalares *amazônico* e *nordestino*. No que se refere aos falares do Sul, além de *estilingue*, é possível destacar a forte presença das variantes *bodoque/badoque/badogue*, *atiradeira* e *seta/setra*.

No quadro 9, é possível comparar as variantes específicas dos falares do Norte e do Sul e as que são comuns aos dois falares¹³.

Quadro 9: Variantes de ‘estilingue’ documentadas nos falares do Norte e do Sul.

Itens lexicais		
Falares Amazônico e Nordesteño	Todos os falares	Falares Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista
<i>balador; baleadeira; baleeira; balinheira; peteca</i> ¹⁴ .	<i>estilingue; baladeira; atiradeira; badogue; badoque; estilete(a)</i> .	<i>bodoque/badogue/bodogue, beca, peteca, setra, seta</i> .

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Os dados revelam semelhanças e distinções entre as formas catalogadas. Ou seja, notam-se variantes exclusivas do Norte e outras exclusivas do Sul e outras que passeiam entre os dois falares. Em linhas gerais, quando se observam os itens lexicais registrados para a questão 157 do QSL/ALiB, pode-se afirmar que há exatidão no traçado de Nascentes (1953) para os falares do Norte e do Sul. O fato valida-se, sobretudo, pela distinção entre as formas lexicais dos dois grupos e pela relativa unidade linguística observada em cada um dos dois falares.

¹³ As lexias agrupadas em *outras denominações* ou *ocorrência única*, pelos autores, não estão registradas no quadro 9. As ocorrências únicas foram: nos falares do Sul (*gancho/ganchim, pilota, valuapê,, caça-passarinho, barrote/garrote* e *estilete*); nos falares no Norte (*batoque*, apenas),.

¹⁴ O item lexical *peteca* foi catalogado por Ribeiro (2012), na área de controle do *falar baiano*, em uma localidade do *falar nordestino*, por isso não está presente na coluna Sul do Quadro 09.

Os resultados dos estudos de Santos (2016) e Santos (2018), que abordam os subfalares *fluminense* e *nordestino*, respectivamente, indicaram que as subáreas delimitadas por Nascentes (1953), do ponto de vista lexical, não apresentam uma unidade/homogeneidade dialetal em sua totalidade. Contudo, a partir da comparação com outros trabalhos, os estudiosos, que também assinam este trabalho, reconheceram que a divisão Norte e Sul apresenta vitalidade.

Pontua-se que, para uma compreensão mais precisa acerca da divisão dialetal brasileira, é preciso a ampliação de pesquisas com outros níveis de análise da língua e, também, com outros itens do léxico. Além disso, embora não tenha sido um dos objetivos deste trabalho, entende-se que um estudo aprofundado da sócio-história das regiões do país seja importante para elucidar questões específicas observadas nos estados em foco.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Beatriz Aparecida. *O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018, 575f. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. illus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários*. Londrina: UEL, 2001.
- D'ANUNCIÇÃO, Eliana Souza. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Carta Estilingue (L19, L19a; L19b; L19c; L19d e L19e). In: CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b, p. 283-290.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Polimorfismo léxico do português do Brasil: um olhar para o norte e para o sul, nas trilhas de brinquedos infantis In: *Atti del Convegno DIA III*, Napoli, 2014, Strutture e dinamismi della variazione e del cambiamento linguistico: Giannini Editore, 2018. p. 233 – 248.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sússekind de Mendonça, 1922.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain*, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p. 213-219, 1955.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015, 402f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 111-150, 2017.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo*. 364f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

OS AUTORES E O PPGLinC

Leandro Almeida dos Santos

Atualmente, é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBa). Mestre em

Língua e Cultura, PPGLinC. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, Licenciado e Bacharel em Letras Vernáculas, pela UFBA. Atua, como professor substituto, na Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Desde 2010, é integrante do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). O PPGLinC tem um papel importante na minha formação acadêmica e profissional, uma vez que, hoje, colho diversos frutos advindos dos conhecimentos e das experiências adquiridas nos cursos de Mestrado e Doutorado feitos no referido Programa. Para além disso, o desenvolvimento da inteligência interpessoal, por meio do convívio e das trocas com os docentes e discentes.

Graziele Ferreira da Silva Santos

Atualmente, é professora da Rede particular de Ensinos Fundamental e Médio. Possui mestrado em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Atuou como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - FAPESB), no projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Tem experiência na área de variação linguística, com ênfase em dialetologia/geolinguística, sociolinguística e lexicologia. Pontua-se, aqui, a importância dos ensinamentos construídos no PGGLinC, inicialmente, durante o mestrado, na construção da dissertação, defendida em 2018, bem como na trajetória profissional, uma vez que o Programa foi o fio condutor dos múltiplos aprendizados teóricos que reverberam, até hoje, na minha atuação em sala de aula. Além disso, cabe registrar o agradecimento aos dois outros autores que assinam este artigo, pelas trocas, inquietações e reflexões compartilhadas.

Beatriz Aparecida Alencar

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-Três Lagoas) com Mestrado em Estudos de Linguagens (UFMS-Campo Grande). Especialista em Docência no Ensino Superior e Estudos Hispânicos: Língua, Literatura e Ensino. Licenciada em Letras Português/Espanhol e Bacharel em Comunicação Social. É professora de Ensino Básico Técnico Tecnológico do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul desde 2013, atuando nas disciplinas de Língua Portuguesa, Comunicação Linguística, Língua Espanhola e na Especialização lato-sensu em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Desde 2020 é integrante do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). No PPGLinC teve oportunidade de realizar intercâmbio de experiências com estudantes e professores. Dedicar-se a pesquisas sobre Variação Linguística, Geolinguística, Dialetologia, Léxico e ensino de línguas.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 04 de outubro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de março de 2021.